



ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS DAS OBRAS DO ARTISTA PLÁSTICO BENEDITO NUNES NA ÓTICA DA TRIADE LEFEBVRIANA

Jonas de Alves Bessa¹
Anderson Pereira Portugal²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo confrontar a produção artística de Benedito Nunes com o conceito Lefebvriano de Produção do Espaço e sua tríade, e com isso observar como que a obra artística pode ser interpretada a partir da perspectiva Lefebvriana. Foi, portanto, adotado como procedimentos metodológicos a revisão de literatura em especial visitando os escritos de Henri Lefebvre para que os fundamentos teóricos pudessem ser compreendidos e aqui empregados. Também se analisou as obras do artista Benedito Nunes e por fim outras literaturas foram consultadas para que o texto pudesse ser produzido com fundamentos e clareza necessária. Trata-se de um trabalho pautado em revisão de literatura, buscando desenvolver sobretudo um estudo metodológico qualitativo, sobre os dados levantados. A principal conclusão final deste trabalho, diante das análises das obras iconográficas do artista Benedito Nunes e através desta revisão de literatura que o artista conseguiu expressar suas emoções, anseios e necessidades dentro de sua visão de representações sobre o cerrado brasileiro, buscando impactar o observador quanto as questões ambientais de conservação, preservação, e disseminação de sua arte levando ao pensamento crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Produção do espaço, Paisagem, Tríade Lefebvriana, Arte.

ABSTRACT

The present work aims to confront the artistic production of Benedito Nunes with the Lefebvrrian concept of Space Production and its triad, and with this observe how the artistic work can be interpreted from the perspective Lefebvriana. It was, therefore, adopted as methodological procedures the review of literature in particular visiting the writings of Henri Lefebvre so that the theoretical foundations could be understood and used here. It was also analyzed the works of the artist Benedito Nunes and finally other literatures were consulted so that the text could be produced with necessary foundations and clarity. This is a work based on a literature review, mainly seeking to develop a qualitative methodological study on the data collected. The main final conclusion of this

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Campus Pontal, jonasbessa@yahoo.com.br;

² Doutor pelo Curso de Geografia pela Universidad Complutense de Madrid, Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Campus Pontal, portuguez.andersonpereira@gmail.com;



work, before the analysis of the iconographic works of the artist Benedito Nunes and through this literature review that the artist was able to express his emotions, desires and needs within its vision of representations on the Brazilian cerrado, seeking to impact the observer on environmental issues of conservation, preservation, and dissemination of its art leading to critical and reflective thinking.

Keywords: Production of space, Landscape, Lefebvrian triad, Art.

INTRODUÇÃO

Pretende-se discutir neste artigo sobre as obras do artista Benedito Nunes, dentro de uma perspectiva geográfica, de forma a abordar o conceito de paisagem e espaço dentro de um olhar sobre a tríade Lefebvriana, com objetivo de entender a realidade sobre a noção de espaço concebido/percebido/vivido presente na obra de Henri Lefebvre intitulada “A produção do espaço”. Sabemos que a produção do espaço implica não só produção material, mas também envolve questões sobre a vida, cultura, do modo de ser urbano de viver e relacionar com as relações sociais numa perspectiva mais ampla sobre a análise da produção do espaço. Dessa forma, contextualizando com as obras do artista, buscamos analisar sobre a tríade um olhar geográfico sobre as representações artística das paisagens do cerrado.

Segundo LEFEBVRE (2013), a produção do espaço a partir da sua tríade, o entendimento sobre o espaço pode ser compreendido a partir das dimensões que se articulam e buscam compreender sobre a produção do espaço, quando ele é concebido, percebido e vivido, implicando uma indissociabilidade desses elementos, embora possamos analisá-los separadamente. Nessa concepção as obras do artista são analisadas de forma contextualizada, na busca de um entendimento sobre o prisma do conceito de paisagem.

As obras do artista nos remetem o cerrado brasileiro, tema de todas as suas obras pictográficas, as quais representam todas as suas experiências, memórias e vivências sobre a sua percepção de um espaço geográfico que, por ventura sofre interferências das ações humanas a todo momento. Sua pictografia é única, carregada de emoções, expressividade, codificadas nas cores, nas texturas, nas instalações e nos diversos espaços. Na pictografia o artista estabelece uma memória afetiva dessa paisagem, onde elas permanecem ligadas, onde o espaço é um produto historicamente produzido,



constantemente modificado ao longo do tempo, e cada tempo retratado tem uma memória, seja vinculada as pessoas que participaram daquele momento.

METODOLOGIA

Pretendemos desenvolver nosso trabalho pautado numa revisão biográfica, baseada na vida e obra do artista Benedito Nunes, e identificar toda a sua trajetória de vida, bem como embasar toda a discussão sob a teoria de Lefebvre e sua tríade. Para tanto, foram feitas até o momento, uma revisão de literatura sobre as categorias geográficas Paisagem e Espaço, e sobre o conceito de representação do espaço e representação da paisagem através do olhar do artista plástico Benedito Nunes.

Trata-se de um trabalho de pesquisa, pautada numa revisão de literatura baseada nas obras de Henry Lefebvre, e sua teoria sobre a análise do espaço concebido/percebido/vivido e análise pictográfica do artista, desenvolvendo um trabalho metodológico qualitativo, análise biográfica do artista, e coleta de dados e entrevistas.

O trabalho de campo deverá ser realizado na cidade de Cuiabá (MT), cidade onde residiu o artista e onde seus trabalhos se desenvolveram. Este trabalho de campo constará de pesquisa local catalogadas por fotografias, registros do espaço, análise de documentos, entrevistas e registros sobre exposições realizadas, ou seja, vida e obra do artista.

Todos esses dados serão catalogados, com objetivo de obter informações sobre o trabalho do artista, mas sobretudo contribuir para a análise geográfica sobre as questões e reflexões sobre paisagem, representação artística e a interrelação do sujeito e objeto e a obra.

A análise dos dados coletados no trabalho de campo, serão elementos fundamentais e cruciais para o andamento da pesquisa, porque farão parte de um entrelaçamento de conceito, teorias, técnica que farão parte e comprovação de toda a reflexão sobre o tema.

REFERENCIAL TEÓRICO



Esta pesquisa busca identificar, dentro da teoria de Lefebvre, o papel do artista sujeito e observador, ou seja, aquele indivíduo que percebe, vivencia e experimenta sensações e emoções, que serão captadas por ele, sob uma interpretação espacial com propósito de levar ao público o conhecimento desse imenso espaço territorial do nosso país, portanto um espaço percebido por ele, concebido dentro de suas representações, e vivido dentro de uma realidade social. É uma paisagem interiorizada por ele e exteriorizada em suas obras. A representação da paisagem para o artista vai ser de acordo com o que ele percebeu, ou seja, é aquilo que a paisagem vai representar sobre o que é percebido, pelo seu sistema sensorial, segundo COSTA:

A paisagem reveste-se de elementos nostálgicos que invadem sua essência e permitem se contaminar por outras memórias, outras recordações, outros lugares da memória e evocam fragmentos do passado que se cristaliza em um imaginário. (COSTA, 2003 P.11)

A paisagem cristaliza o momento do passado porque a paisagem não é ação, não é o ativo, pois a totalidade é ação a atualidade a vida no presente. A paisagem ela traz o presente passado e registra no presente elementos do passado, que são eternizados e cristalizados na obra. Nesse processo de cristalização da imagem pela pictografia, a concepção subjetiva do artista será representada naquele momento, que pode até mesmo não ser uma representação fiel dessa paisagem representada, mas sobretudo a codificação espacial sobre a imagem, embora captada pelo artista e interpretada por ele. A partir desse momento, os objetos interpretados, interiorizados pelo artista passa a ter um significado, uma representação subjetiva sobre o espaço captado, e que posteriormente esta imagem é processada por ele, para depois ser representada no trabalho artístico. Sobretudo numa visão pessoal sobre o objeto observado, e interpretado pelo artista. Entendendo, portanto, que a representação da paisagem pelo artista transita subjetivamente pelo pensamento do sujeito artista, como um fenômeno da percepção do objeto. Os objetos somente terão sentido a partir da interpretação das ações do artista.

Partindo da ideia que a paisagem possui uma certa dinâmica, e que esse dinamismo é um processo natural, ela é cristalizada na obra, mesmo que posteriormente essa mesma paisagem possa não mais, seja pela interferência natural, seja pelas interferências das ações humanas ela sofre inúmeras modificações ao longo dos tempos.

Benedito Nunes, ao construir uma obra, ao idealizar uma obra ele deixa um registro daquele momento, uma memória afetiva daquela paisagem específica, trazendo



ao presente uma imagem do passado captada pelas suas representações cognitivas e sensoriais. Nesse momento, a paisagem perde esse dinamismo, e passa a ter o papel de representação espacial daquele momento retratado, mas na obra a personificação da interpretação de um momento, embora tenha movimento e dinamismo, se cristaliza naquele momento. Contudo compreender que a paisagem, sobre o aspecto geográfico, e que possui essa dinâmica, é justamente lançar um desafio para que sejamos geógrafos artísticos, na busca constante dessa compreensão sobre a produção de arte e a concepção espacial. Segundo DOZENA,

Penso ainda na possibilidade do entendimento de que geografia e arte são transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões e envolvem criações: literárias, sonoras, relacionadas a: dança, teatro, desenho animado, arquitetura, escultura, pintura, cinema, design, gastronomia, fotografia, vídeos, cartografia e outras elaborações que se constituem em diálogos possíveis de práticas que enredam as experiências vividas espaço-artisticamente. (DOZENA, 2020, p .11)

De acordo com as palavras de ISAAC, (2013, p.2) “a experiência da paisagem é abarcada pela obra assim como podem ser suas representações, aspectos físicos, simbólicos ou históricos. Em suma, a paisagem torna-se para esta arte um elemento constitutivo, indissociável”, e dentro de sua dissertação, decorre sobre a interrelação espacial com o trabalho tridimensional do artista, na busca de um significado e conceito próprio, levantando questionamentos sobre territórios reais e virtuais fazendo parte da estrutura da paisagem urbana no processo de urbanização. Decorre, portanto a relação bastante intrínseca entre arte e paisagem, estabelecendo campos de influências mútuas, e que compartilhar espaços, histórias, significados, singularidades, valores e memórias que identificam uma sociedade e uma época.

Os objetos geográficos móveis ou imóveis pertencem ao campo que se chama Geografia Física e da Geografia Humana e através da história desses objetos, isto é, da forma como foram produzidos e se transformam a Geografia Física e a Geografia Humana se encontram. De acordo com o conceito de paisagem na Geografia Física, segundo a concepção de VITTE,

[...] a paisagem emerge na análise geográfica carregada de simbolismo, sendo responsável pela constituição do imaginário social que atua na condução da ação dos atores sociais, ao mesmo tempo



em que mediatiza a representação do território por estes mesmos atores. Neste sentido, a paisagem como categoria social é construída pelo imaginário coletivo, historicamente determinado, que lhe atribui uma determinada função social. (VITTE, 2007, p.71)

Na Geografia Humana o conceito de paisagem defende a ideia de paisagem como sendo imagem e representação de espaço apropriado e produzido pelo homem em constante processo de modificação conforme as atividades humanas. A paisagem é constituída através das relações do homem com o espaço natural. Dessa forma os observadores selecionam as imagens e interpretam da forma que lhes convém, ou seja, enxergam diferentes paisagens. (FRANCISCO, 2020).

Benedito Nunes, em suas obras representou a noção de paisagem do cerrado de acordo com a sua visão, onde percebemos um diálogo entre a natureza e a sociedade, e isso representa o conceito contemporâneo moderno de Cerrado. E dentro dessa visão, sobre o espaço. Segundo Milton Santos (1985), “o espaço, portanto, é um testemunho, pois ele testemunha momento de um modo de produção pela memória do espaço construído das coisas fixadas na paisagem criada”. E deve ser considerado como uma totalidade, visto que uma análise fragmentada também possa ser feita. Dessa forma a percepção seria o momento vivido no nosso cotidiano, a gente vai se percebendo no espaço.

Benedito Nunes, nascido e criado em Cuiabá, representa a cultura de um povo, uma memória, e que de certa forma conseguimos identificar na sua obra sua espacialidade, sua cidade como referencial espacial carregado de significados, historicidade e memórias. E através de suas obras, o artista estabelece representar as paisagens do cerrado sobre a sua ótica, uma memória permanente em suas pictografias.

No plano da percepção como possibilidade de estudo da paisagem, em relação as obras pictográficas do artista, podemos dizer que aquilo que se da ao nosso sensorio é a paisagem não é o espaço. Ou seja, tudo aquilo que é percebido, observado, admirado sobre a ótica do artista é a paisagem. Mas sobretudo sobre a ótica apenas do artista, pois a percepção de uma paisagem certamente vai variar de acordo com vários aspectos, seja no ângulo do observador, seja no distanciamento do objeto a ser analisado e retratado, seja de qualquer lugar ou ângulo específico, seja sobrevoando o espaço, seja por partes ou como um todo, altera a observação da paisagem e os elementos a serem representados.



O uso de instrumentos próprios na iconografia, mas importante sobre a reflexão sobre a realidade local, levando em consideração aspectos macros e micros do qual se trabalha, a partir dessa construção das lembranças, as quais chamamos de subjetivas, o artista desenvolve seu trabalho, representado seja por uma memória individual ou coletiva sobre aquele grupo e como ele se percebe em relação com a natureza. Dessa forma estamos relatando o papel da arte na sociedade, pois segundo COHN (2009, p. 2) “Se a Arte se apresenta como uma possibilidade de inserção do indivíduo em sua sociedade, é colocada ao ensino da Arte a tarefa de educar leitores de obras artísticas, ocupando seu espaço como mediador entre o público e a produção artística, e conseqüentemente, entre o indivíduo e sua sociedade”. E ao artista, o papel de formador de opiniões, onde ele retrata toda as suas vivências, experiências, interpretação sobre o espaço contemplado, absorvido e interpretado por ele, resgatando significados e memórias daquele lugar.

As memórias dos lugares podem ser produzidas a partir dessa produção coletiva ou sobre a narrativa daquele lugar. As obras de Benedito Nunes retratam muito bem esta realidade. Afinal de contas, o que ele quer mostrar? A memória do lugar? Uma subjetividade própria, uma interpretação sobre o objeto observado. Uma imagem criada sobre o objeto que posteriormente será objeto de representação artística. Benedito Nunes quando ele faz a sua representação da imagem, o objeto de observação já foi captado e interpretado por ele, e retratado na obra. A obra, portanto, irá retratar basicamente as paisagens do cerrado, sobre a ótica do artista. Pode até não ser a paisagem do cerrado, mas uma interpretação sobre as paisagens, ou seja, as impressões que ele teve sobre elas. Essas impressões são percebidas por ele, vivenciadas e experienciadas pelo artista, e são retratadas nas obras de arte de acordo com sua visão subjetiva deste objeto.

Dessa forma, as paisagens do cerrado são assimiladas pelo artista, sobre uma interpretação subjetiva espacial, pois possibilita que o artista perceba elementos desta paisagem, experienciar e vivenciar sobre elas, instigando aos geógrafos cientistas a um convite onde possamos assumir a atitude de geógrafos da arte, dentro da tríade Lefebvriana, os variados contextos espaciais e produção de arte.

As memórias subjetivas do artista vão formar as memórias do lugar ou da paisagem sobre sua ótica. A paisagem que eu vejo não é o que o outro consegue ver. Este é o ponto crucial na interpretação de uma representação artística. Aquela pictografia é uma representação subjetiva apenas do artista. A paisagem é algo que transforma



permanentemente. Como a paisagem se transforma e entender como ela se transforma significa que eu preciso colocar ela de forma cronológica, entender a sua periodização, a partir de um referencial que identifique estas transformações, ou seja as transformações do espaço ao longo do tempo.

A percepção da paisagem pode não ser a mesma atual em relação a um tempo atrás, mesmo porque esta percepção é que vai ativar as minhas memórias, vai construir a partir de várias narrativas. Essa percepção da paisagem acerca do espaço diz muito sobre a relação do homem com o espaço, com suas memórias que podem ser individuais ou coletivas, com suas raízes, com significados desses registros. Em todas as suas obras, Benedito Nunes concretizou muito bem esta percepção espacial sobre o espaço vivido, percebido e concebido por ele.

De acordo com a tríade Lefebvriana, a análise pode ser feita separadamente, embora os elementos se interligam e se complementam, e são indissociáveis, e fazem parte de um todo. Dentro do contexto, nas obras do artista, sua produção é o resultado de uma interpretação e representação do espaço vivido, do espaço concebido e percebido de acordo com a interpretação sensorial do artista. O espaço vivido é o meu cotidiano, o espaço percebido é aquilo que eu vejo, e o espaço concebido é o que eu elaboro uma concepção sobre ele a partir do que eu vejo. Segundo LEFEBVRE:

As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, o espaço dos cientistas, planejadores, urbanistas, tecnocratas fragmentadores, engenheiros sociais e até um certo tipo de artistas próximos à cientificidade, todos os quais identificam o vivido e o percebido com o concebido (o que perpetua as velhas especulações sobre números: número áureo, módulos, cânones etc.), é o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas exceções às quais seria preciso voltar) a um sistema de signos verbais. (LEFEBVRE, 2013, p. 97).

Ao representar o Cerrado brasileiro nas suas obras, o artista expõe toda a sua visão e interpretação sobre o objeto observado. De uma forma bastante peculiar, dentro de sua relação de mundo o artista vivencia, e interpreta sobre a sua ótica a paisagem que a ele é representada. Dessa forma, ele codifica a imagem representada da paisagem através de um trabalho pictográfico único, onde neste momento todas as inquietações, emoções e percepções são retratadas e eternizadas naquela obra.



A obra do artista é um conjunto de quadros sobre a paisagem do cerrado, onde ela se dá como um todo de representação, mas ela não representa um todo. Basicamente esta representação poderá ser somente de um elemento, ou de uma parte do espaço escolhido pelo artista, ou através de uma perspectiva desse espaço e dessa paisagem. E através desse olhar, bem mais específico que o artista consegue interagir com o espaço concebido/percebido/vivido e elaborar todo o seu fazer artístico.

Quando o artista faz esta interpretação dessa paisagem ele nos traz uma totalidade já dada cristalizada num momento anterior a nossa relação uma totalidade dando o valor sistêmico dos objetos da paisagem. Essa cristalização da imagem na obra reflete a sua percepção sensorial do objeto observado, esboçando naquele momento um presente que por fim se tornará uma paisagem cristalizada no momento do passado porque a paisagem não é ação, não é o ativo. A totalidade é ação a atualidade a vida no presente.

A paisagem, ela traz ao presente elementos do passado. A partir das coisas, a natureza como a priori a natureza natural ou natureza artificial, a paisagem diante de mim é um a priori para o conhecimento através da fenomenologia, pois tudo tem movimento e não é estático. Aquela paisagem cristalizada naquela obra pode não mais existir, seja pela interferência natural, seja pelas interferências das ações humanas ela sofre inúmeras modificações ao longo dos tempos. Benedito Nunes, ao construir uma obra, ao idealizar uma obra ele deixa um registro daquele momento, uma memória afetiva daquela paisagem específica, trazendo ao presente uma imagem do passado captada pelas suas representações cognitivas e sensoriais.

Uma paisagem identificada num determinado espaço geográfico, que sofre frequentemente interferências das ações humanas sobre todos os aspectos sociais e estruturais, mas que na obra de arte, dentro de sua ótica, esta imagem permanece imortalizada, representando a paisagem. E quando falamos em espaço vivido, segundo a tríade Lefebvriana, o espaço de representação ligada a vida social e o mundo das emoções, configura nas palavras de LEFEBVRE:

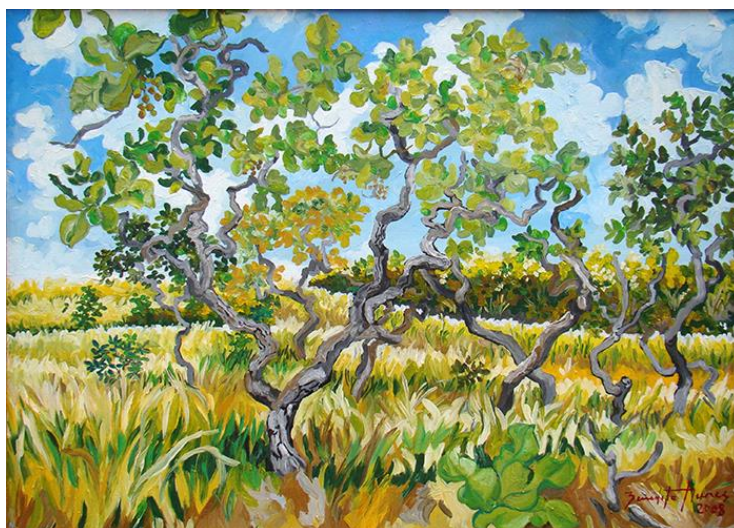
Os espaços de representação, ou seja, o espaço vivido por meio das imagens e dos símbolos que o acompanham é, pois, o espaço dos moradores, dos “usantes”, mas também de certos artistas e talvez daqueles romancistas e filósofos que descrevem e só aspiram a descrever. Trata-se do espaço dominado, isto é, passivamente experimentado, que a imaginação deseja



modificar e tomar. Recobre o espaço físico usando simbolicamente seus objetos. Por conseguinte, esses espaços de representação mostrariam uma tendência (de novo, com as exceções precedentes) aos sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais. (LEFEBVRE, 2013, p. 98)

O reconhecimento do espaço vivido, ligado ao processo do espaço concebido, indissociável na tríade, fazem parte de uma análise espacial geográfica da paisagem e como este espaço está sendo utilizado pela sociedade. Estabelece, portanto, a paisagem um papel na vida presente do homem e na vida produtiva do futuro.

Figura 1: Obra feita em 1978 intitulada “Paisagem do Centro Oeste” da Exposição denominada “Orifício” (2014), Galeria SESC Arsenal, em Cuiabá, MT.



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/benedito-nunes/> Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras, Referências Pantaneiras na pintura de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. São Paulo: Paço das Artes, 1988.

Na figura 1, a pictografia remete a imagem concebida da paisagem sobre a ótica do artista, diante de um determinado espaço. Diante do espaço concebido/vivido/percebido pelo artista, vários elementos distintos e identificados por ele sobre o cerrado brasileiro são representados na obra captada pela paisagem.

Em várias obras do artista Benedito Nunes ele buscou representar diferentes cenas da vida da população do cerrado, sua cultura local e do meio natural onde vivem, ou seja, retrata em suas obras a realidade do povo do cerrado, a vida e a relação com o meio em que se relacionam, sua historicidade e sua memória.



A paisagem carrega dentro do espaço elementos que ativam as memórias, como por exemplo a questão do patrimônio histórico que possuem elementos que ativam determinadas memórias, lembranças, e memórias afetivas. Valorização de elementos que fazem parte da memória daquele espaço, daquela paisagem. Observar e analisar as obras do artista nos remete a uma memória espacial sobre um dado espaço numa determinada época. Portanto, a memória faz parte da historicidade de uma cidade pois carregam significados, valorização histórica e patrimonial.

Na figura 2, o artista buscou retratar na sua imagem pictográfica um homem observando a paisagem. Em vários momentos ele coloca o objeto observado que é o cerrado sendo retratado e fazendo parte da paisagem na sua obra. Nessa obra o homem faz parte de sua representação. Está integrado na mesma imagem, se tornando uma representação pictórica. Benedito Nunes não apenas representou em suas obras suas interpretações sobre o cerrado, mas também representou em diversas obras a interação do homem com a natureza, com o meio, as cidades e seu crescimento, a urbanização, a fauna local, diversos espaços, e elementos que fizeram de seu trabalho uma obra completa e cheia de significados.

A relação do homem representado nessa produção artística de Benedito Nunes, na Figura 2, é muito intensa a medida que ele estabelece uma ponte entre o observador e o objeto observado. Ou seja, o homem neste caso passa a fazer parte da obra, a fazer parte da paisagem pintada. O artista, portanto, retrata o homem observando a paisagem, ou seja, o artista retrata o homem observando a paisagem. Nesta obra, a figura do homem está integrada na paisagem fazendo parte da pictografia, ou seja, o homem e a paisagem sendo representados simultaneamente, o homem, no entanto fazendo parte da paisagem, da representação da paisagem pelo artista. Neste ponto a figura do homem transcende apenas ao papel de um simples observador, mas passa a fazer parte da obra pictográfica.



Figura 2: intitulada ““Birdwatching”, 2008, óleo sobre tela, 90×70 cm, também da exposição realizada em Cuiabá denominada “Orifícios”



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/benedito-nunes/>. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras, Referências Pantaneiras na pintura de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. São Paulo: Paço das Artes, 1988.

O artista coloca o homem não apenas como observador da obra, mas também fazendo parte dela. Ou seja, o homem acaba fazendo parte intrínseca da obra, objeto de observação da paisagem observada. Acredita ele, que o homem como sujeito observador, pode de certa forma fazer parte também do objeto vivido, percebido e concebido fazendo parte da obra.

Nas obras do artista nos deparamos muito com esta interação entre homem e natureza inseridos na paisagem. Nas suas pictografias não encontramos apenas elementos que compõem o cerrado brasileiro, mas conseguimos identificar a gama simbolismos que fazem parte e convivem harmonicamente do cenário retratado. Elementos significativos, que são valorizados na obra, elementos que fazem parte da memória daquele espaço, daquela paisagem. Elementos que fazem parte de uma memória que possui uma historicidade local ou de uma cidade, pois carregam significados, valorização histórica e patrimonial.

Dentre a vegetação típica do cerrado, encontramos em suas pictografias a figura do homem que vive no cerrado, a relação da natureza e urbanização das cidades, registro da flora e da fauna, mas também as diferenças sociais, políticas e econômicas interagidos no mesmo espaço geográfico. Dentro de sua visão, o artista sempre preocupou em

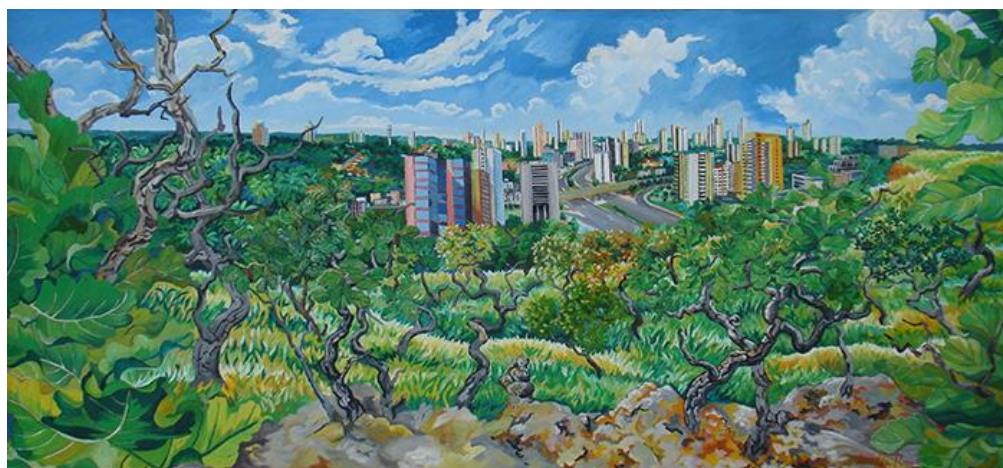


representar em todos os aspectos cenários diferenciados, e com isso causar algum impacto na releitura de suas obras.

A paisagem do cerrado, por sua vez, ao longo dos anos vem sofrendo interferência das ações do homem não apenas nas atividades sociais, industriais, econômicas estabelecidas pelo sistema. Esta é, portanto, um dos objetivos do artista ao representar esta relação do homem com a natureza frente aos processos de degradação espacial sofrido ao longo dos tempos.

Este registro, o artista preocupou em codificar na figura 3. O surgimento das cidades, a urbanização das cidades, o seu crescimento e o avanço pelo cerrado é retratado nesta obra, onde mais uma vez o artista coloca a cidade fazendo parte de sua obra no plano de fundo. Nessa obra identificamos elementos do cerrado, mas também encontramos a representação pictórica de uma cidade em desenvolvimento adentrando ao espaço do cerrado. Ou seja, o cerrado perdendo seu espaço devido ao crescimento e a urbanização desenfreada das cidades.

Figura 3: Obra intitulada “Cidade Cerrado”, 2004, óleo sobre tela, 134×290 cm Exposta em Cuiabá, MT



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/benedito-nunes/> .Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras, Referências Pantaneiras na pintura de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. São Paulo: Paço das Artes, 1988.

O surgimento das cidades, com a urbanização das áreas, e o avanço crescente do espaço do cerrado tem sido tema de muitas discussões pelo mundo afora. Não sendo este o foco dessa discussão, mas o artista preocupa retratar não apenas os elementos do cerrado



brasileiro, mas também tudo aquilo que dele vive, sobrevive, mantém relações sociais como o povo e sua cultura local, suas diferenças, contrastes e impactos causados pelas ações humanas tais como o agronegócio e a pecuária.

Na Figura 3, enfim, o artista buscou representar um contraste significativo, no que diz respeito a cidade e o mundo natural, a cidade como um enclave e o mundo natural que cada vez mais se tornando enclave, onde a natureza está cada vez mais encarcerada em limites de parques a medida em que as cidades crescem e desenvolvem. O pintor olha a cidade de dentro da mata, dentro dessa tendência de se tornar o cerrado em pequenos territórios protegidos a medida que a ocupação avança pelo cerrado. Ou seja, o enclausuramento do natural nas fronteiras de parques pela ameaça desse avanço. E dessa forma ele mostra este contraste entre o espaço ocupado pela natureza e o espaço ocupado pelo homem.

A paisagem do cerrado se transforma em pequenos territórios protegidos. Na medida em que a ocupação e o crescimento das cidades avançam pelo cerrado, mostrando esse contraste entre o espaço ocupado pela natureza e o espaço ocupado pelo homem. A sociedade e sua relação com o meio, elementos importantes da relação do homem com a natureza, e que fazem parte da representação pictográfica sobre o cerrado e de quem nasce, vive e sobrevive do cerrado valorizando a cultura e saberes locais, costumes e crenças, organização e uso do espaço e produção do espaço.

Por fim, na figura 4, mais uma vez o artista discute a questão do contraste, sobre a pintura os planos distintos, a família, as casas e os prédios, representando uma relação social sobre elementos de contrastes que se integram numa única obra.

O contraste nas obras do artista não se baseia apenas nos contrastes de cores, planos de fundo, dimensões e técnicas pictográficas, mas sobretudo representa o contraste social, econômico, políticos de classes, ideologias sobretudo a noção de poder de alguns em detrimento a outros que permanecem marginalizados e até esquecidos. Benedito Nunes retratou, na verdade, a sua vivência e experiência de vida, sobretudo fazendo parte de uma parcela da sociedade menos favorecida.



Figura 4: Obra intitulada "Retrato de família", 2007, óleo sobre tela, 150×80 cm, exposta em Cuiabá, MT



Fonte: <https://www.premiopipa.com/pag/benedito-nunes/>. Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Culturas Brasileiras, Referências Pantaneiras na pintura de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul. São Paulo: Paço das Artes, 1988.

Na figura 4, nessa tela o artista retrata a questão das desigualdades sociais, contrastes de moradias entre os ricos e os pobres, inclusão social, sobre as diferenças de classes sociais existentes num mesmo espaço geográfico. No plano de fundo o artista pintou alguns edifícios representando uma parcela da sociedade de Classe média, no plano mediano, algumas casas representando moradias mais simples, intercalados com os edifícios por uma vegetação, e no plano de frente uma família brasileira.

Contrastes plásticos de luz e sombra, cores e texturas. Em uma mesma obra podemos identificar vários elementos distintos de uma sociedade. De uma sociedade que ele vivenciou, percebeu e concebeu e representou em suas obras.

Ao debruçar em qualquer de suas obras, ao analisar, podemos encontrar vários elementos, elementos espaciais que ao mesmo tempo se harmonizam na obra, mas estabelecem vários contrastes no mesmo espaço geográfico.

Representação da paisagem para ele significa a representação de um espaço cheio de contrastes, formas, elementos que o compõem, e que esteticamente trazem uma



harmonia plástica, mas sobretudo, nos faz refletir sobre todas essas questões sociais, sobre as diferenças e planos espaciais que se inter-relacionam. Elementos espaciais que para o artista formam para ele uma paisagem cheia de vida e de significados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A principal conclusão final deste trabalho, diante das análises das obras iconográficas do artista Benedito Nunes e através desta revisão de literatura e dos registros deixados nas obras, que o artista conseguiu, de fato, expressar suas emoções, anseios e necessidades dentro de sua visão de representações sobre o cerrado brasileiro.

A riqueza da representação artística carregadas de memórias, historicidade e significados que caracterizam a cultura de um povo e seus contrastes. Com as suas obras, o artista conseguiu abordar elementos da paisagem geográfica sobre o seu olhar, na busca de promover ao observador o impacto quanto as questões ambientais de conservação, preservação, e disseminação de sua arte, e com isso, ao pensamento crítico e reflexivo.

De acordo com a teoria utilizada para análise das obras do artista, conseguimos identificar a relação intrínseca do artista com o objeto observado, o qual detectamos nas obras citadas no corpo do trabalho essa interrelação espacial, resultando na representação artística sobre as paisagens do cerrado percebido, vivenciado e experienciado por ele.

Esse estudo possibilitou que as análises das obras do artista tivessem um olhar geográfico sobre o objeto retratado, permitindo que estabeleça uma interrelação entre as distintas áreas da ciência, arte e geografia, assumindo um papel de geógrafos da arte, nos mais variados contextos espaciais e na produção artística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da visão Lefebvriana, podemos verificar nas obras do artista Benedito Nunes, toda a sua trajetória de vida, experiências e interpretações sobre as paisagens do cerrado, nos remetendo a questão do espaço concebido/percebido/vivido, buscando retratar sobre as obras e produções artísticas a visão subjetiva do artista sobre o objeto,



em um aspecto reflexivo sobre as representações artísticas e a análise do processo de produção espacial.

Diante desta tríade, ela nos proporcionou a reflexão sobre o espaço em que o artista propõe a sua produção artística, ou seja, as relações existentes e que fizeram parte na mente do artista, num processo subjetivo, mas que fizeram parte de suas experiências e vivências sobre a paisagem, e a partir desse momento, em uma interpretação inusitada, a representação da imagem.

Existe uma relação bastante intrínseca do artista-sujeito, aquele que observa, e interpreta aquela imagem, que advém de uma experiência vivida com o objeto, concebida e percebida, de forma que a representação desta imagem se torna o fruto destas relações. O artista se permite, de certa forma, essa interação com o objeto observado. O resultado desta interação é carregado de significados, características, historicidade e memória.

Benedito Nunes foi um artista que atingiu, além do seu tempo e de sua época, uma grande representatividade no mundo das artes a temática do cerrado através desta interrelação com o objeto representado. Conseguiu agregar nas pinturas as paisagens do cerrado dentro de sua ótica, de sua interpretação, e através da codificação da imagem observada, ele consegue representar nas obras elementos da cultura e costumes do povo do cerrado, bem como a interrelação do homem com a natureza e na natureza que fazem parte deste cenário, representado com bastante riqueza e significados, tais elementos que fazem parte da memória daquele espaço e da paisagem.

Através de suas produções artísticas, Benedito Nunes faz um resgate significativo sobre o cerrado, identificando elementos que representam a memória de um lugar, de um determinado espaço, importância a historicidade de uma cidade, de uma paisagem, pois carregam significados e valorização patrimonial.

Esta pesquisa busca identificar sobre a tríade Lefebvriana, esta relação do artista com as paisagens do cerrado, colocando o sujeito-artista como sendo observados, aquele que percebe sobre o objeto, que sente, que vivencia e com isso ele vivencia as experiências sobre o objeto. Benedito não só percebeu sobre sua ótica os elementos que fariam parte da composição artística de suas obras, na formação da imagem subjetiva,



mas se permitiu viver experiências, pois o objeto observado sempre fez parte do seu universo vivido, percebido e experienciado.

Contar a história de um lugar, a partir de suas experiências e vivências não se restringe apenas a prática artística somente, mas resgatar elementos característicos daquela paisagem, representar ao seu olhar sua visão de mundo, suas inquietações, seus anseios, suas necessidades, na busca de um olhar crítico e reflexivo sobre suas obras. E sobretudo, deixar de forma permanente e cristalizado a representação da paisagem do cerrado em todo seu trabalho iconográfico. Ou seja, um olhar geográfico sobre as obras do artista.

Benedito Nunes, artista, sujeito e observador representou a paisagem do cerrado não apenas como um trabalho artístico e estético por finalidade, mas também um elemento de reflexão social e espacial, sobre as questões que envolvam a depredação indiscriminada e sem controle do cerrado. E demonstrar, através de suas obras, as questões aflitivas que impactam de forma significativa na preservação e conservação do cerrado brasileiro.

Pensar na possibilidade da existência de uma conexão, um elo estabelecido entre arte e a geografia, como elementos transversais a vida humana, a medida em que possibilitam diálogos e práticas que permeiam as experiências artísticas espaciais vividas. E, de certa forma, contribuir com o pensamento crítico e analítico sobre a produção do espaço e a noção de paisagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. **Retratos para a Unesco da Reserva da Biosfera do Cerrado – Resbio Gayaz: Suas Paisagens Culturais e Identidades Territoriais**. 2019. V. 39 19p. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/bgg.v39.59401> <https://revistas.ufg.br/bgg> 9-19 BGG

ALVES, G. A. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019, ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/163307>. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.163307>.

ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. Tradução de Alexandre Krug e Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



BENEDITO Nunes. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22620/benedito-nunes> . Acesso em: 05 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

BENEDITO Nunes. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pag/benedito-nunes/>. Acesso em: 05 de Out. 2020.

PORTUGUEZ, A. P.; P.; PEIXOTO, J.P. Impactos e Monitoramento Ambiental em empreendimentos turísticos no espaço rural. In: SANTOS, E. O.; SOUZA, M. (Orgs). **Teoria e Prática no Espaço Rural**. Barueri, SP: Manole, p. 137-149, 2010.

PROJETO Grande olhar (2000: Cuiabá, MT). In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento271690/projeto-grandeolhar-2000-cuiaba-mt> . Acesso em: 05 de Out. 2020. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.